

UNILEÃO
CENTRO UNIVERSITÁRIO DOUTOR LEÃO SAMPAIO
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

KELLY JHENYFER PAULO DA SILVA

**NEOLIBERALISMO E MATERNIDADE: Reflexões acerca do desemprego e os
efeitos psicossociais em mães solas**

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

KELLY JHENYFER PAULO DA SILVA

NEOLIBERALISMO E MATERNIDADE: Reflexões acerca do desemprego e os efeitos psicossociais em mães solas

Trabalho de Conclusão de Curso –
Artigo Científico, apresentado à Coordenação
do Curso de Graduação em Psicologia do
Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em
cumprimento às exigências para a obtenção do
grau de Bacharel em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Iarley
Brito Roque.

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

KELLY JHENYFER PAULO DA SILVA

NEOLIBERALISMO E MATERNIDADE: Reflexões acerca do desemprego e os efeitos psicossociais em mães solas

Este exemplar corresponde à redação final aprovada do Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado à Coordenação do Curso de Graduação em Psicologia do Centro Universitário Dr. Leão Sampaio, em cumprimento às exigências para a obtenção do grau de Bacharel em Psicologia.

Data da Apresentação: 28/06/2023

BANCA EXAMINADORA

Orientador: Prof. Dr. Joaquim Iarley Brito Roque/ UNILEÃO

Membro: Prof. Me. Alex Figueirêdo da Nóbrega/ UNILEÃO

Membro: Esp. Mayara de Oliveira Ferreira

JUAZEIRO DO NORTE - CE
2023

NEOLIBERALISMO E MATERNIDADE: Reflexões acerca do desemprego e os efeitos psicossociais em mães solas

Kelly Jhenyfer Paulo da Silva¹
Joaquim Iarley Brito Roque²

RESUMO

A presente pesquisa discorre sobre a maternidade solo e o fenômeno do desemprego no escopo do neoliberalismo. A política neoliberal surge como uma reconfiguração do sistema capitalista, apoiando-se na ideia de um falso bem-estar social e dando cada vez mais espaço para fatores que geram sofrimento psíquico em uma grande parte da população. A partir disso, surge a problemática: como se dá a experiência de mães solas no que tange ao trabalho frente a uma configuração socioeconômica regida por políticas neoliberais? Para alcançar tal compreensão a metodologia se caracteriza como qualitativa e bibliográfica. Já como objetivo geral o referido trabalho busca compreender como os efeitos psicossociais oriundos do neoliberalismo atingem mães solas desempregadas. O estudo tem como objetivos específicos entender como o neoliberalismo impacta no desemprego em mães solas; analisar os efeitos psicossociais e os fatores socioeconômicos que permeiam a vida dessas mães; e discutir sobre os desafios das psicólogas que lidam com essas questões nos espaços de assistência social. Para isso, são discutidos o fenômeno do desemprego e os impactos psicossociais em mães solas, o papel da psicóloga nos espaços de assistência social e a sororidade como forma de enfrentamento aos problemas sociais. Conclui-se que o Estado Neoliberal é responsável pela redução dos direitos sociais e pela fragmentação de redes de proteção social.

Palavras-chave: Assistência social. Mães desempregadas. Neoliberalismo.

ABSTRACT

This research discusses solo motherhood and the phenomenon of unemployment in the scope of neoliberalism. Neoliberal politics emerges as a reconfiguration of the capitalist system, based on the idea of a false social well-being and giving more and more space to factors that generate psychic suffering in a large part of the population. From this, the problem arises: how is the experience of single mothers with regard to work in the face of a socioeconomic configuration governed by neoliberal policies? To achieve such an understanding, the methodology is characterized as qualitative and bibliographical. As a general objective, this work seeks to understand how the psychosocial effects arising from neoliberalism affect unemployed single mothers. The study has the specific objectives of understanding how neoliberalism impacts unemployment in single mothers; analyze the psychosocial effects and socioeconomic factors that permeate the lives of these mothers; and discuss the challenges of psychologists who deal with these issues in social assistance spaces. For this, the phenomenon of unemployment and the psychosocial impacts on single mothers, the role of the psychologist in social assistance spaces and sorority as a way of facing social problems are discussed. It is concluded that the Neoliberal State is responsible for the reduction of social rights and for the fragmentation of social protection networks.

Keywords: Social assistance. Unemployed mothers. Neoliberalism.

¹Discente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: kelly.jhenyfer12345@gmail.com

²Docente do curso de psicologia da UNILEÃO. Email: joaquimiarley@leaosampaio.edu.br

1 INTRODUÇÃO

O problema do desemprego no Brasil atual tem sido alvo de muitos estudos e publicações. Compreender tal problemática enquanto um problema social resultante de uma estrutura é de suma importância, uma vez que podemos entender a relação entre o neoliberalismo e seus produtos, que se manifestam de diversas formas. Quanto mais a taxa de desemprego aumenta, a precariedade social, o índice de pobreza e o número de adoecimento psíquico entre as pessoas também cresce, sendo isso consequência de um modelo de vida e de organização socioeconômica capitalista. O capitalismo, por ser um sistema que visa lucros, apoiando-se na propriedade privada dos meios de produção, é um sistema que sustenta relações de poder, gerando cada vez mais riqueza para uma parte ínfima da sociedade e dando, cada vez mais, espaço para a pobreza, fome, exclusão, desigualdade e desemprego (SILVA; PACHECO, 2017).

O trabalho (ou o produto dele) é valorizado, em demasia, pela política neoliberal das sociedades capitalistas como um dever moral do sujeito. Desse modo, é fundamental pontuar que o sujeito só é percebido, socialmente, a partir da sua capacidade de produção, em razão de que o trabalho é imposto e compreendido como parte central da vida das pessoas, transformando-se em uma condição de sobrevivência. Partindo desse pressuposto, vale destacar que esse sujeito quando não incluso no mercado de trabalho, é inviabilizado economicamente e compreendido, através da ótica capitalista, como um ser a parte. Geralmente, quando o sujeito tem consciência desse lugar que ocupa, pode provocar nele uma sensação de falta de identidade, resultando, ainda, em sofrimento psíquico (MATOS, 2018).

Compreendendo que o sistema capitalista fortalece e sustenta o patriarcado, é importante destacar que a taxa de desemprego feminina segue maior do que a taxa de desemprego masculina, o que resulta em um número muito alto de mulheres submetidas a trabalhos precários, caracterizados por baixos salários e ausência de direitos trabalhistas e proteção social. Posto isso, entende-se que o emprego doméstico é, normalmente, predominante e exercido por mulheres, principalmente por aquelas que se encontram em estado de vulnerabilidade social, uma vez que socialmente, embora as mulheres tenham conquistado alguns de seus direitos através de movimentos e lutas feministas, ainda é muito persistente a ideia de que essas mulheres precisam exercer funções associadas à prática do cuidado, já que “sempre foi assim” (DIAS, 2018).

Tratando-se da maternidade em si, para a mulher que é mãe, a necessidade de trabalhar faz com que ela se encontre em uma dupla jornada, onde precisa exercer, além do papel de cuidadora e dona de casa, um papel ativo e produtivo na sociedade. Essa produção está diretamente relacionada, de acordo com o sistema neoliberal, ao esforço individual dessas mães, que só é enxergado quando traz benefícios e movimento ao mercado de trabalho (MACÊDO, 2020). Todavia, o papel de cuidadora, mãe e dona de casa é inibido socialmente e isso contribui, vigorosamente, com a taxa de desemprego, já que não há espaço no mercado de trabalho para mulheres que precisam ocupar diferentes lugares na sociedade, em especial, as mães solas que não possuem rede de apoio e precisam dar conta de todas as tarefas sozinhas (SANTOS, 2022).

Diante disso, a relevância do presente estudo baseia-se na importância que o tema tem diante do avanço da política neoliberal e os efeitos psicossociais em mães, desempregadas, que sofrem e lidam com o descaso do atual sistema, enfrentando inúmeros desafios nos diferentes contextos da vida e, além disso, assumindo diferentes papéis, dentre eles, o de mãe solo, dentro de uma sociedade, além de capitalista, patriarcal. Portanto, assimilando que o neoliberalismo é uma reconfiguração do sistema capitalista baseado na ideia de um falso bem estar social, surge o desenvolvimento do presente trabalho. Partindo deste ponto, surge a seguinte problemática: como se dá a experiência de mães solas no que tange ao trabalho frente a uma configuração socioeconômica regida por políticas neoliberais?

Logo, a justificativa da pesquisa se dá a partir de três vertentes: pessoal, social e acadêmica. Na vertente pessoal, por um contato com a temática durante a experiência no Estágio com Ênfase em Processos Psicossociais, onde surgiram algumas inquietações voltadas tanto para o sofrimento das mães solas que buscam apoio na assistência social, como a falta de suporte nos serviços socioassistenciais e a prática da psicóloga face a isso. No viés social, pela importância de compreender as consequências do avanço do neoliberalismo e como essa política é estabelecida na sociedade, assim como os impactos psicossociais do desemprego em mães solas, a prática da psicóloga social frente a essas questões e os desafios e as possibilidades encontradas. E no acadêmico, contribuindo para a realização e ampliação de estudos e campos de pesquisas, bem como o aprofundamento e a familiarização com a temática.

O objetivo geral do presente trabalho, foi compreender como os efeitos psicossociais oriundos do neoliberalismo atingem mães solas desempregadas. Posto isso, para alcançar o objetivo citado, e para melhor compreensão da pesquisa, foram adotados alguns objetivos específicos, tais como: entender como o neoliberalismo impacta no desemprego em mães

solos; analisar os efeitos psicossociais e os fatores socioeconômicos que permeiam a vida dessas mães; discutir sobre os desafios das psicólogas que lidam com essas questões nos espaços de assistência social.

2 METODOLOGIA

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica, tendo como fonte de pesquisa, materiais publicados entre 2012 e 2022. No entanto, para a realização da pesquisa, foram utilizados, além de livros, artigos e monografias, utilizando como base de dados; o google acadêmico, o Scientific Electronic Library Online (SciELO) e o Portal de Periódicos Eletrônicos de Psicologia (PePSIC).

Referente à busca, foram adotadas as seguintes palavras-chave: *assistência social, mães desempregadas e neoliberalismo*. Para a familiarização com o objeto de estudo, a pesquisa consistirá em uma análise exploratória, tendo como foco a abordagem qualitativa. A partir disso, será possível alcançar explicações para os fenômenos base do estudo, bem como descobrir novos e formular ideias e hipóteses.

3 O AVANÇO DO NEOLIBERALISMO E SUAS CONTRIBUIÇÕES PARA A TAXA DE DESEMPREGO EM MÃES SOLOS

A princípio, é importante compreender o desemprego enquanto um problema estrutural e crônico da economia brasileira e internacional, que foi assim percebido antes, durante e depois da reforma trabalhista. No entanto, pode-se afirmar que a reforma trabalhista criada pela lei nº 13.467, é um fator contributivo para a manifestação da política neoliberal, uma vez que a sua ineficiência passa pela crise estrutural do desemprego. Além disso, é com essa reforma que os empregadores ganham ainda mais poder sobre os empregados, dado que possuem mais liberdade para negociar e estabelecer as condições de trabalho entre eles (SILVA, 2020). No que tange a esse aspecto, também é preciso discorrer que a nova legislação, apesar de trazer a ideia de benefícios para ambas as partes, empregadores e empregados, resulta em situações de trabalho precários, já que após a reforma, as negociações são feitas diretamente com o empregador, ou seja, as convenções e os acordos definidos entre eles pode se sobrepor às leis. Dessa forma, as condições de trabalho podem não ser vantajosas para os empregados (PRADO, 2018).

A partir de uma análise feita por Schild (2015) acerca da desigualdade de gênero, bem como o feminismo e o neoliberalismo na América Latina, há um questionamento voltado à justiça de gênero se perguntando se não tem sido apenas uma “história de progresso da classe média”, onde sustenta o topo, gerando ganho a esses e estabelecendo uma ideia de inclusão as mulheres, mães, pretas, vulneráveis e periféricas no mercado de trabalho e no meio social quando, na verdade, ainda é sustentada a ideia de que o lugar dessas mulheres é exercendo uma função de cuidadora e realizando tarefas domésticas (SCHILD, 2015). Entendendo isso, nota-se que os impactos de reestruturação produtiva e ajustamento estrutural no contexto do capitalismo, fazem com que os avanços obtidos sejam ambíguos. Portanto, com o desenvolvimento do neoliberalismo, o Estado fornece secretarias de políticas públicas visando reduzir os fatores que geram desigualdade ao mesmo instante que o caráter neoliberal de suas políticas econômicas precariza, ainda mais, as relações de trabalho para as mulheres (DIAS, 2018).

No que tange o aspecto mencionado e entendendo o neoliberalismo como uma reconfiguração do sistema capitalista, tendo relação direta com o patriarcado, é perceptível que dentro do número elevado da taxa de desemprego, as mais afetadas são as mulheres, mães solas. Em suma, as mulheres são alvos privilegiados das políticas neoliberais de austeridade, uma vez que as mesmas enfrentam mais dificuldade para ingressar e permanecer no mercado de trabalho. A partir disso, vale pontuar que a insegurança alimentar em casas que são chefiadas por mulheres, carregando marcadores como diferenças de raça, gênero, escolaridade, encontra-se em nível muito elevado, especialmente em mães que vivem no limiar de sobrevivência com os filhos, tendo que garantir comida na mesa ao passo que não conseguem espaço no mercado de trabalho e não possuem uma rede de apoio (BARROSO; GAMA, 2020).

No Brasil, as mulheres gastam quase o dobro de horas semanais que os homens em atividades domésticas e cuidados diários. Nesse sentido, essa desigualdade afeta, com mais discrepância, as mulheres em questão de tempo livre, ocasionando em mais dificuldade para sair da pobreza e menos oportunidade de ascender socialmente, gerando a não participação de atividades remuneradas e a não garantia de direitos. No entanto, ao se falar em mães solteiras e sobrecarregadas, é importante mencionar que essas possuem, ainda mais, desafios e barreiras a serem enfrentadas, dado que além de sofrerem com a desinserção no mercado de trabalho, sofrem por não conseguir garantir a comida no prato, bem como as necessidades básicas dos seus filhos (CARMONA, 2013).

Embora o mercado de trabalho tenha mudado muito ao longo do século XX, no que diz respeito à entrada da mulher neste meio, é necessário destacar que, por outro lado, os valores sociais e patriarcais da sociedade brasileira permanecem estagnados, uma vez que, atualmente, a ideia de que o homem esteja em casa enquanto a mulher esteja fora, trabalhando, ainda é um fator que gera bastante repercussão. Na contemporaneidade, as políticas neoliberais contribuíram para a ausência de emprego, em que cada vez mais as relações de trabalho foram se tornando precarizadas e, somado a isso, o patriarcado foi ganhando mais força (SARAIVA, 2021). No mais, percebe-se que o Estado Neoliberal associa maneiras de expandir o capital privado, reduzindo investimentos em políticas públicas sociais e adotando a privatização de empresas estatais para reduzir os seus gastos e favorecer o mercado. O neoliberalismo, por favorecer a classe alta e sustentar relações de dominação, impacta diretamente na redução de direitos sociais na população mais vulnerável, afetando a classe trabalhadora, aumentando a taxa de desemprego, principalmente em mães, e diminuindo a renda salarial. Por conta disso, torna-se cada vez mais difícil a inclusão das mulheres no mercado (MIRANDA, 2016).

Em resumo, entende-se que o capitalismo neoliberal é o grande responsável por promover a desresponsabilização e privatização das políticas de cuidado, bem como educação, assistência, saúde e seguridade social. Assim, a responsabilidade do desmantelamento dessas políticas públicas recaem, principalmente, sobre as mulheres mães solas que, mesmo se submetendo a trabalhos precários, não possuem renda suficiente para suprir as demandas de sobrevivência de suas famílias (ARRUZA; BRATTACHARYA; FRASER, 2019). Nesse sentido, o tema do desemprego feminino e a lógica do capitalismo neoliberal tem sido pauta de muitas reflexões e pesquisas, uma vez que esses fatores têm uma forte influência na saúde mental das mulheres mães solas em situação de vulnerabilidade social, que ao buscarem suporte nas redes de serviços assistenciais, apresentam-se em estado de muito sofrimento, necessitando de acolhimento emocional e assistência financeira, sendo isso uma consequência do Estado que, pelo seu modelo de política neoliberal, não soluciona os problemas que são flagrantemente coletivos (QUINTANS; SILVA; SOBRINHO, 2022).

4 A MATERNIDADE SOLO, O SOFRIMENTO ÉTICO-POLÍTICO E A BUSCA PELA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL: “você têm fome de quê?”

Diante da recessão econômica em que ocorre, principalmente, a redução dos níveis de empregabilidade, gerando perda ou redução de renda, bem como o aumento de pobreza e

extrema pobreza no país, o trabalho considerado informal acaba por ser a grande saída para as pessoas que se encontram em estado de vulnerabilidade e dos grupos afetados pelo desemprego. Por isso, sempre que a economia não dispõe das redes de seguridade e proteção social para subsidiar as famílias que não possuem ou perderam sua renda, grande parte dessas famílias acabam se inserindo nos “bicos”, utilizando disso como única renda para se manter, o que gera um rendimento mínimo e intensifica o empobrecimento dos indivíduos de classe pobre. Diante disso, partindo do eixo da maternidade solo e da pobreza, a mãe, além de assumir o papel de cuidadora, necessita buscar apoio e alguma fonte de renda para que possa se alimentar e alimentar os filhos, tentando garantir, ao menos, a sobrevivência (MELO; MORANDI, 2021).

Por conseguinte, é preciso enfatizar que, além das inúmeras consequências advindas do desemprego, a fome e o sentimento de impotência, ao se tratar da mãe que assume toda a responsabilidade sozinha, é um dos principais fatores que geram sofrimento, dado que ao assumir o papel de cuidadora, mãe solo e mulher dentro de uma sociedade capitalista, impacta, ainda mais, nos desafios a serem enfrentados. Segundo Dias (2018), a divisão sexual do trabalho é sustentada pelo patriarcado para que, com isso, seja fortalecido o trabalho de reprodução, ou seja, o trabalho doméstico (não remunerado), em que mulheres desempenham diferentes funções no dia a dia, principalmente o de cuidadora, tendo isso como obrigação unicamente sua, em razão de que, socialmente, constituíram-se como tarefas exclusivamente femininas (DIAS, 2018).

Na maioria das vezes, as mães que buscam um auxílio nas políticas sociais apresentam um discurso de muito sofrimento, mencionando sentimentos como dor, angústia, fome e desespero. Essa busca ocorre, na maioria das vezes, quando já não existe renda alguma ou rede de apoio alguma, isto é, essas mães se apresentam em um extremo estado de vulnerabilidade social. Posto isso, ao adentrar no lugar da psicologia face a essas questões, deve-se trazer a tona que esse sofrimento ético-político é de raiz social e proveniente da inserção e não inclusão (SAWAIA, 2017). Para uma melhor compreensão do que seria essa inserção e não inclusão, pode-se ilustrar através do seguinte exemplo: uma mãe-solo busca um trabalho para conseguir criar os filhos e arcar com as despesas, todavia, nas entrevistas de emprego, um dos primeiros questionamentos a serem feitos é sobre a maternidade “com quem ficará seus filhos? você vai conseguir se dedicar totalmente ao emprego em tempo integral?”. Desse modo, é viável que haja uma cuidadora para o filho ou uma escola de tempo integral, onde muitas vezes vai gerar custos e a renda mensal é mínima, ou seja, a conta não fecha.

Com isso, a taxa de desemprego aumenta e o campo afetivo e emocional dessas mães é atravessado por sentimento de sobrecarga, culpa, cansaço e exaustão (SANTOS, 2022).

De modo geral, a saúde mental das mães solas ainda é pouco problematizada e não existem estratégias e ações afirmativas para esse tipo de maternidade. Embora haja poucos estudos que adentrem e investiguem de forma mais abrangente os efeitos psicossociais nessas mães, foram encontradas evidências de que esse tipo de maternagem é um fator de risco comum para a ansiedade, depressão, *burnout* e estresse para a mulher (SILVA, 2021). No mais, vale ressaltar, ainda, que esse sofrimento advém do contexto social, cultural e econômico que essa mãe se encontra, ou seja, é fundamental compreender esse sofrimento de forma individual e coletiva, visto que a desigualdade social encara-se dependendo do lugar social que essa mãe ocupa e isso envolve raça, classe, orientação social, idade e territorialidade (OLIVEIRA; PEREIRA; ROLIM, 2021).

Tendo a pobreza como um fator determinante que expressa as demandas que chegam às políticas de assistência social, nota-se que grande parte das mães que buscam esses serviços se encontra em estado de precariedade. Por conta disso, apresentam-se desesperadas por um auxílio que, na maioria das vezes, não pode ser fornecido, uma vez que as políticas de assistência social se encontram totalmente fragilizadas. Posteriormente, pode-se pontuar que, embora haja uma redução das políticas sociais e o sabotamento dessas redes diante do Estado Neoliberal, os profissionais que trabalham dentro desse espaço, especialmente, as psicólogas, buscam acolher essas mães que se apresentam em estado de extrema vulnerabilidade, buscando atribuir um espaço seguro e acolhedor, dando espaço para escuta qualificada e mantendo o seu olhar voltado para todas as dificuldades e diferentes contextos de vida que estas se inserem. Ademais, tendo como foco o bem-estar dessas mulheres e dos seus filhos, os profissionais do espaço buscam incluir essas pessoas em programas que garantam um suporte para a família, assim como benefícios e estratégias que estejam voltadas à qualidade de vida dessa população (BARROSO; GAMA, 2020).

5 OS DESAFIOS ENCONTRADOS PELAS PROFISSIONAIS DE PSICOLOGIA NA POLÍTICA DE ASSISTÊNCIA SOCIAL

Pesquisas apontam que a prática da profissional de psicologia tradicionalmente clínica não possibilita preparo suficiente para a atuação da psicóloga dentro do contexto social do sujeito e tampouco nas políticas de assistência social, visto que o olhar clínico limita essa profissional, dando ênfase na individualidade do sujeito e, muitas vezes, nas psicopatologias.

Por consequência disso, muitos profissionais ao se inserirem na proteção social básica, não conhecem as diretrizes e o funcionamento dos espaços (CORDEIRO; SVARTMAN; SOUZA, 2018). Entretanto, é notório que atualmente o curso de psicologia possibilita um maior conhecimento acerca da prática da psicóloga nos serviços de assistência social, que prepara a futura profissional para um olhar voltado também para as questões sociais da vida do sujeito, entendendo o adoecimento a partir de problemas sociais, através de embasamentos teórico-práticos para que, desse modo, ela possa desenvolver um trabalho ético voltado ao compromisso social e à emancipação humana (SILVA, 2014).

De acordo com Macedo e Dimenstein (2012), a maioria das psicólogas que atuam na assistência social experimentam diariamente uma situação de mal-estar, angústia e fracasso, em razão de que se encontram em contextos adversos aos modos tradicionais de atuação. Além do mais, vale destacar que essas redes de serviços encontram-se hierarquizadas e fragmentadas, resultando em práticas reducionistas e contribuindo para sentimentos de impotência e frustração das pessoas que compõem a equipe do trabalho, visto que estão imersos em um espaço de muitas limitações. De modo geral, os autores entendem que o modo como as profissionais enxergam e problematizam o cotidiano e as questões sociais da vida do sujeito implica diretamente na sua atuação, pois compreende-se que é a partir da consciência crítica que as profissionais questionam o seu fazer e suas ferramentas de trabalho, buscando formas de enfrentamento com equipes multiprofissionais e interdisciplinares (MACEDO; DIMENSTEIN, 2012).

Entende-se que as profissionais que atuam nas políticas sociais, como por exemplo no Centro de Referência de Assistência Social, lidam cotidianamente com pessoas em situação de vulnerabilidade social que, na maioria das vezes, se encontram em um estado elevado de sofrimento psíquico. Nesse sentido, as psicólogas que trabalham nesses espaços tendem a buscar estratégias de enfrentamento para um problema que tem raiz social, resultando, muitas vezes, em fracasso (LACERDA, 2015). Portanto, qualquer atividade da psicologia que tenha como objetivo a defesa consciente de direitos sociais voltada para as minorias e setores mais injustiçados socialmente, é mais eficaz do que as de vigor liberal, uma vez que o sofrimento humano é ético e político produzido por um história em que existe desigualdades e injustiças sociais. Assim, o sofrimento não é próprio do sujeito, mas sim um produto de processo histórico, social, político e econômico de exclusão (SAWAIA, 2017).

Adentrando no contexto da maternidade e o olhar da profissional de psicologia face a essa temática, compreende-se que a maternidade pode ser vista, também, como um luto, pois percebe-se que há uma morte da mulher que cuidava de si para cuidar do outro, abrindo mão

da sua subjetividade. À vista disso, somado às múltiplas atividades exercidas por essas mulheres, pode suceder um esgotamento materno, gerando níveis de sobrecarga e exaustão, principalmente no que se refere às mães solas desempregadas, que não obstante realizarem inúmeras funções no dia a dia, sofrem por não dar conta de tudo (CÉSAR; LOURES; ANDRADE, 2019). Em resumo, quando essas mães buscam auxílio na política de assistência social, além de carregarem um discurso de exaustão, apresentam-se, na grande parte das vezes, sozinhas e desempregadas, lutando pelo básico para sobreviver. Logo, as profissionais que lidam com essas demandas, por estarem inseridas em políticas neoliberais, escassas e limitadas, encontram-se barradas e frustradas (MACEDO; DIMENSTEIN, 2012).

No entanto, a atuação das psicólogas no SUAS, é uma preocupação constante no âmbito da psicologia, e tal preocupação está para além dos aspectos associados a formação profissional e recursos teórico-práticos, dado que nos espaços de políticas sociais a profissional lida diretamente com fatores estruturais e de gestão municipal, o que impacta negativamente na sua atuação (SENRA; GUZZO, 2012). Posto isso, vale destacar que o descaso com as políticas sociais acaba por interferir diretamente na prática das profissionais nesses espaços, em razão de que faltam recursos, estruturas e investimentos em políticas públicas e, sobretudo, nas áreas sociais. Como já citado anteriormente, isso se dá, principalmente, pela política neoliberal, sendo esta responsável pela transferência de serviços públicos ao setor privado, por reduzir os encargos e direitos sociais como um todo, pela abertura da economia para entrada de empresas multinacionais, além de ser responsável, também, por defender os princípios econômicos do capitalismo (BARCELLOS, 2020).

Em suma, acredita-se que as psicólogas que estão inseridas no campo da assistência social enfrentam desafios diários frente à realização das atividades profissionais, pois ao passo que a atuação baseia-se no compromisso e transformação social, existem inúmeros fatores e questões sociais que intercedem o seu fazer (SOLON *et al.*, 2019). Posterior a isso, pode-se dizer que as intervenções psicossociais das psicólogas nesses espaços, devem ser pautadas na compreensão dos processos que atravessam o dia a dia das pessoas assistidas pelo serviço, dado que compreender o meio em que elas se inserem, bem como o seu contexto socioeconômico e cultural, é crucial para possíveis enfrentamentos. Nesse sentido, os atravessamentos da realidade vivida pelo sujeito contribui diretamente com a sua construção enquanto pessoa e na sua saúde mental (NEPOMUCENO, 2013).

6 A ASSISTÊNCIA SOCIAL COMO REDE DE APOIO AS MÃES SOLOS: Estratégias e intervenções

Diante do cenário atual, estudos apontam que dentre as demandas que chegam na assistência social, encontra-se a pobreza como fator determinante expressando a maioria delas. As mães que buscam apoio nessas políticas apresentam-se, na grande maioria das vezes, sem recursos e sem estabilidade emocional. No que se refere aos cuidados da mãe para com o filho, existe culturalmente uma percepção muito romantizada pela sociedade de que ser mãe é algo puramente positivo, deixando de lado os desafios e encobrindo os fatores que resultam no adoecimento, como por exemplo, a falta de rede de apoio, as diversas atividades que precisam ser realizadas no cotidiano, a diminuição da vida social e, sobretudo, o desemprego, que segue sendo um dos maiores problemas sociais, responsável por desencadear sentimentos de exclusão e inutilidade (SILVA, 2021).

As mães solas ao chegarem nos espaços de assistência social, além de carregarem um discurso de exaustão como já citado anteriormente, mostram-se atravessadas por sentimentos de culpa e impotência. As profissionais de psicologia social que recebem demandas como essas na política de assistência social assumem um papel de muita importância, principalmente no reconhecimento de vulnerabilidades e riscos sociais, o que ultrapassam, muitas vezes, a dimensão econômica, exigindo intervenções que busquem, nesse caso, trabalhar aspectos objetivos e subjetivos da vida dessas mães (MDS, 2012). Dessa maneira, as psicólogas dessas redes realizam, no primeiro momento, o acolhimento para essas mães, buscando, com isso, fornecer um espaço de apoio e segurança, além de se aproximar da realidade da mesma, buscando adentrar nos fatores que resultam em sofrimento na vida delas para que, desse modo, consigam realizar ações e estratégias de enfrentamento (SOLON *et al.*, 2019).

Compreende-se que uma das diretrizes centrais na política de assistência social é a família, independente das mudanças que ocorrem na dinâmica e/ou na composição dela. Diante disso, trabalhar com esse princípio é atuar com cuidado e proteção, entendendo que muitas vezes esta família encontra-se, além de vulnerável, fragilizada (DUARTE; ALENCAR, 2012). Todavia, partindo da perspectiva das mães solas, é percebido que estas mães apresentam uma fala de solidão e impotência, aparecendo, com mais intensidade, quando mencionam o desemprego e a dificuldade de se encaixarem no mercado de trabalho. Por isso, a profissional de psicologia que presta serviço nesses espaços, não obstante se colocar no lugar de acolher essas mães e o seu sofrimento, deve também, junto com outros setores, orientá-las e promover ações de caráter preventivo, protetivo e proativo, buscando a

garantia de direitos, bem como facilitar o acesso dessas mães a programas de proteção social (ANDRADE; MORAIS, 2017).

Partindo do exposto, é importante compreender que as psicólogas que atuam no Centro de Referência em Assistência Social – CRAS, podem intervir a partir de serviços ofertados pelo Programa de Acompanhamento Integral a Família – PAIF que, por sua vez, atua no enfrentamento das questões que surgem no espaço, observando as diferentes características e individualidades de cada família, focando o olhar não tão somente nas dificuldades desta, mas também nas potencialidades existentes na mesma, pois é identificando o contexto como um todo que a profissional pode buscar meios de enfrentamento de forma integralizada. Para isso, as intervenções vão sendo realizadas a partir de ações não segmentadas e da contextualização dos problemas (COSTA, 2014).

As profissionais de psicologia que atuam nos Centros de Referência de Assistência Social, a depender da situação que os usuários enfrentam, podem fornecer um acompanhamento familiar às famílias que se encontram em vulnerabilidade. No que diz respeito às mães solas desempregadas que buscam essa assistência, as psicólogas desses espaços devem fazer esse acompanhamento buscando encaixá-las em benefícios, serviços, projetos e programas que visem ao suprimento das necessidades humanas básicas, garantindo a sobrevivência das mesmas e possibilitando a reconstrução da autonomia delas (QUEIROZ, 2017). Além do mais, também surge a possibilidade dessas mães serem incluídas em grupos, uma vez que a psicóloga do serviço pode construir atividades que reúna essas mulheres, com o propósito de haver a unificação e a identificação dessas mães que, cotidianamente, enfrentam problemas similares (LOPES; MAHEIRIE; JUSTO, 2020).

De modo geral, uma das estratégias de enfrentamentos utilizadas pelas psicólogas nesses espaços é a intervenção grupal, pois é a partir dessas intervenções que há uma identificação e uma mobilização das pessoas que fazem parte do grupo, podendo resultar, desse modo, na totalização das reciprocidades, bem como na conscientização crítica diante dos problemas sociais (LAPASSADE, 2017). A partir de uma pesquisa-intervenção realizada com um grupo de mulheres no CRAS da região metropolitana de Florianópolis, identificou-se que, no decorrer dos encontros, com a troca de experiências entre as participantes, os fortalecimentos de vínculos comunitários aconteciam, ao passo que problemáticas surgiam e geravam reflexões entre elas (LOPES; MAHEIRIE; JUSTO, 2020). Nesse sentido, é possível que a psicóloga, ao realizar ações coletivas contribuindo para que haja uma aproximação entre essas mães, possa, ainda, intervir no sentimento de solidão, já que é um sentimento comum entre elas (FERNANDES, 2022).

7 O SORORIZAR E A MATERNAGEM: Mãe solo sim. Sozinha nunca!

Em uma obra escrita pela bell hooks, ela menciona que a solidariedade política entre mulheres enfraquece o sexismo e segue o caminho para derrubar o patriarcado (HOOKS, 2018). Pensado nisso, é imprescindível que as práticas das psicólogas, uma vez pautadas na luta pela desigualdade e inclusão social, estejam voltadas, como já mencionado acima, para momentos grupais entre essas mulheres com intuito de fornecer, além de um espaço de acolhimento e identificação entre elas, um ambiente que possibilite a troca de experiências, o apoio uma na outra e a reflexão acerca dos desafios encontrados na maternidade solo desenvolvendo, desse modo, uma consciência crítica a partir dessa realidade. Dessa maneira, quando essas mães se percebem ocupando um mesmo lugar social, partilhando de sentimentos semelhantes, como por exemplo o de solidão, compreendem que não estão sozinhas (WITTCKIND; LUTKEMEYER; SCHUMACHER, 2021).

Diante do exposto, pode-se adentrar no termo sororidade que foi constituído tendo como base a aliança entre as mulheres, baseando-se na empatia, irmandade e companheirismo entre elas. A luta entre essas mulheres, desde muito tempo, para conquistarem o seu espaço na sociedade, também foi pauta para a criação desse termo, já que o movimento feminista sustenta-se na união dessas mulheres (MAEDA, 2019). Diante disso, é importante discorrer que a partir da aliança e do apoio construídos entre elas, puderam, juntas, lutar pela democracia, revelar formas de violência e ocupar um lugar no mercado de trabalho. Todavia, vale refletir sobre o papel do Estado frente a essa luta que ainda não acabou que, por sua vez, embora devesse lutar contra as desigualdades e injustiças sociais, promovendo, assim, o bem estar social, acaba por fortalecer o sistema patriarcal, visto que o seu modelo de política é neoliberal (GUIMARÃES; MACIEL; GERSHENSON, 2020).

A sociedade moderna provocou diferentes visões sobre o papel social da mulher, e essas mudanças só ocorreram através da luta pela liberdade proposta pelo feminismo no final do século XX. Com isso, questões como discriminações e determinismo foram colocadas em pauta, resultando na luta dessas mulheres por uma sociedade igualitária, especialmente na atuação de papéis parentais. Entretanto, ainda é muito frequente a cobrança social em cima dessas mulheres, principalmente as que assumem o papel de mãe solo, onde além de sofrerem com as críticas morais imposta pelas famílias tradicionais conservadoras, enfrentam problemas econômicos como o desemprego. Por conta disso, torna-se essencial o contato dessas mães, tendo em vista que a representatividade e os momentos coletivos pautados na

discussão e compartilhamento de situações do universo mães solas, guiados pelo empoderamento e sororidade, contribui para a ressignificação dos conceitos, ganhando, assim, legitimidade (SILVA; CASSIANO; CORDEIRO, 2019).

Levando em consideração que a maternidade é um fator socialmente constituinte das identidades femininas, é possível pensar que é também um lugar bastante válido para refletir sobre as questões de poder frente a isso, em razão de que muito se discute a respeito do lugar da mulher socialmente, restringindo-a a um espaço doméstico e a colocando-a em uma posição de cuidadora. Logo, essa opressão está diretamente associada ao patriarcado, por isso, é essencial a reflexão de que nenhum desses dilemas são naturais, mas que se fazem presente no mundo feminino por causa da imposição dos sistemas patriarcais (AGUIAR, 2015). Portanto, partindo do contexto do desemprego e da política neoliberal estabelecida, pode-se pensar que a sororidade entre as mulheres é uma forma de enfrentamento às questões sociais, uma vez que ao passo que o neoliberalismo sustenta a ideia do individualismo, trazendo o discurso de que o esforço individual leva ao sucesso pessoal, descartando, então, os problemas que têm raiz social, a sororidade surge como uma forma de irmandade entre essas mulheres, de modo que passem a questionar esse discurso, focando no coletivo e entendendo as conquistas como algo social (MACIEL, 2019).

Diante disso, surge a necessidade de pontuar que a sororidade é vista como um processo de construção entre as mulheres e, sendo assim, não é entendido como algo findado, mas sempre passível de transformações. Somado a isso, compreende-se que o empoderamento feminino e a sororidade andam lado a lado, pois é através dessa relação que a mulher percebe a imposição da opressão sobre ela, podendo então ser apoio para outras mulheres que enfrentam problemas semelhantes, além de se fortalecerem entre si (MACIEL, 2019). Para a mulher que é mãe solo e precisa encarar os inúmeros desafios do cotidiano, é imprescindível esse apoio e essa força vindo de outras mulheres, dado que a maioria delas, além da luta diária enfrentada, lidam com diversas críticas sociais apenas pelo fato ser mulher. Desse modo, a sororidade surge como um pacto ético-político entre as mulheres, tendo como objetivo central fornecer práticas que visem a preservação e o encorajamento da proteção, da solidariedade e da defesa entre elas, buscando enfrentar o patriarcado e, paralelo a isso, as classes dominantes (PENKALA, 2014).

Por fim, combater o discurso neoliberal que enxerga a pessoa como um sujeito individual e o discurso patriarcal que coloca a mulher como inimiga da outra se torna-se possível, pois, “quando agimos como se fôssemos rivais perdemos a força que poderíamos ter caso usássemos a sororidade para nos empoderar” (SOUZA, 2016, p.53). Partindo desta

perspectiva, acredita-se que as mulheres possam questionar e refletir acerca da rivalidade sustentada pelos sistemas supracitados, transformando essa realidade através da sororidade que, por sua vez, permite que essas mulheres coloquem em evidência o feminismo, já que esse se fundamenta na vivência solidária e na luta entre elas. Assim, vale frisar que esse movimento deve ser feito por todas as mulheres, uma vez que a sororidade é sustentada justamente pela união entre elas. Logo, compreende-se que a potencialização a cultura feminista é não apenas uma das formas de enfrentamento à dominação masculina, mas também de toda forma de violência e opressão que atravessam essas mulheres (SILVA, 2017).

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir das pesquisas encontradas acerca da política neoliberal, reflete-se como o atual sistema impacta na redução de direitos sociais e nos fatores que geram desemprego, uma vez que esta política, entendida por ser uma reconfiguração do capitalismo, está diretamente associada à expansão do capital privado e à privatização de empresas estatais. Dessa forma, entende-se que a população mais vulnerável sofre, diariamente, com os efeitos do sistema estabelecido, pois o avanço do neoliberalismo contribui para que a classe dominante ganhe cada vez mais força e espaço na sociedade, ao passo que a classe trabalhadora vai perdendo seus direitos, encontrando-se em situação de pobreza e vulnerabilidade social. Assim, esse modelo de política resulta em vários problemas de raiz social, sendo o desemprego percebido como um dos principais fenômenos que antecede o sofrimento humano e o adoecimento psíquico.

Além do mais, diante do que foi discutido no decorrer do estudo pode-se afirmar que o neoliberalismo é responsável por sustentar e estabelecer relações de dominação, dando gradativamente mais espaço para o patriarcado e contribuindo para que os efeitos do neoliberalismo recaiam com mais discrepância sob as mulheres (BARROSO; GAMA, 2020). Provavelmente, isso está associado a maiores taxas de desemprego feminino, uma vez que o espaço no mercado de trabalho segue sendo bastante limitado entre essas pessoas, principalmente para mulheres mães solas que além de serem as únicas responsáveis por colocarem comida no prato e garantir as necessidades básicas da família, precisam, ainda, exercerem diferentes atividades no cotidiano, se responsabilizando-se não tão somente pelos cuidados com os filhos, mas também pelos serviços domésticos.

Somado a isso, é importante ressaltar a respeito da busca dessas mães por um auxílio socioassistencial que geralmente se dá quando já não existe, sequer, uma rede de apoio para

elas ou recursos financeiros, resultando, dessa maneira, em um extremo estado de vulnerabilidade social. De acordo com o aprofundamento nas pesquisas, foi possível analisar que a maioria das mães solas que comparecem aos espaços de assistência social, como por exemplo os Centros de Referências de Assistência Social – CRAS apresentam-se carregando um discurso bastante sofrido, mencionando sentimentos de solidão, fome e impotência. Entretanto, uma das principais demandas trazidas por elas é a de não conseguirem dar conta de tudo sozinha, dando ênfase na dificuldade de sustentar a família. Assim, percebe-se a dificuldade dessas mães para se adequarem ao mercado de trabalho, uma vez que além de enfrentarem os inúmeros desafios da maternidade solo, o mercado exige mais do que o que se espera da mulher que é mãe solo, como por exemplo a dedicação em tempo integral.

A partir do exposto, é necessário apontar que embora ainda existam poucos estudos que se aprofundem de forma mais ampla nos efeitos psicossociais em mães solas desempregadas, foram encontradas pesquisas de que esse tipo de manutenção é um fator de risco comum para *burnout*, depressão, ansiedade e estresse (SILVA, 2021). Neste sentido, é preciso destacar que o sofrimento mencionado, na grande maioria das vezes, advém do contexto social e econômico que essas mães vivenciam, sendo assim necessário um olhar para além de aspectos individuais que permeiam a vida delas, dado que no desenvolvimento do presente estudo foi entendido o adoecimento enquanto uma consequência da política neoliberal estabelecida. No mais, nota-se que a desigualdade social encara-se a depender do lugar social que essa mulher ocupa, ou seja, a classe social, raça e o meio que esta se insere influencia diretamente nos níveis de sofrimento, onde as mais afetadas são mulheres pobres, negras e periféricas.

A construção deste trabalho foi uma experiência ímpar de estar face às questões que tanto me impactavam, me inquietavam e me angustiavam na minha prática dentro do CRAS como estagiária em Psicologia Social, pois muitas vezes questionei com a supervisora de campo, que tanto me acolhia e me norteava, sobre o sentimento de impotência e angústia que me atravessava dentro do espaço e como podíamos fazer para que eu pudesse me sentir mais potente naquele espaço. Contudo, adentrando neste campo de estudo, pode-se perceber que o sentimento de impotência é muito colocado pelas psicólogas que compõem os espaços de assistência social, uma vez que embora o Estado devesse ser suporte para essas redes, focando no bem estar social e na resolução de problemas que geram sofrimento nessas mães, ele é responsável, a partir do seu modelo de política neoliberal e individualista, pelo descaso e fragmentação das mesmas, contribuindo, então, para que as profissionais que atuam nessas redes de proteção sintam-se fracassadas e impotentes.

Por fim, um misto de sentimentos surgiam durante o aprofundamento na presente temática, pois o fato de ser uma mulher inserida numa sociedade altamente capitalista e patriarcal, gerou uma reflexão acerca do peso que deve ter ser mãe solo dentro do atual contexto neoliberal. Dessa forma, desabafando com o orientador sobre a angústia que foi produzir sobre isso, surgiu a necessidade de falar sobre a força que essas mulheres podem encontrar umas nas outras através das suas dores, dos desafios e das experiências em comum. Então, a *sororidade* foi colocada no decorrer do trabalho como sendo uma das principais formas de enfrentamento entre as mulheres, visto que o sentimento de solidão é muito mencionado no discurso dessas mães. No mais, vale ressaltar que apesar de haver um grande descaso e hierarquização nas redes de proteção social, compreende-se que o papel da psicóloga nesses espaços é trabalhar com aquilo que surge de potente é crucial, pois como colocado pelo meu professor de Psicologia Social e orientador de estágio, entender que o sofrimento dessas mães é de raiz social e trabalhar, assumindo uma postura ética e política, a respeito da conscientização dessas mulheres frente aos fatores do desemprego e de injustiças sociais, com foco na emancipação humana, é o ponto de partida para a transformação social.

REFERÊNCIAS

- ANDRADE, A. G. S.; MORAIS, N. A. Avaliação do Atendimento Recebido no CRAS por Famílias Usuárias. **Psicologia, Ciência e Profissão**, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/pcp/a/LFvJktkQzDRwtb9wkDMpJYj/?lang=pt>. Acesso em: 20 mai. 2023.
- ALENCAR, M. M. T.; DUARTE, M. J. O. **Família Famílias: Práticas Sociais e Conversações Contemporâneas**. Rio de Janeiro, 2012.
- ARRUZZA, C.; BHATTACHARYA, T.; FRASER, N. **Feminismo para os 99%: um manifesto**. 1. ed. São Paulo: Boitempo, 2019.
- BARCELLOS, S. B. A CONTEXTUALIZAÇÃO DA ASSISTÊNCIA SOCIAL NO BRASIL: DO ASSISTENCIALISMO AO RECONHECIMENTO COMO POLÍTICA PÚBLICA E A INFLUÊNCIA DA LÓGICA NEOLIBERAL. **Revista Interdisciplinar do Pensamento Científico**, 2020. Disponível em: <http://reinpec.cc/index.php/reinpec/article/view/616/520>. Acesso em: 16 mai. 2022.
- BARROSO, H. C.; GAMA, M. B. A crise tem rosto de mulher: como as desigualdades de gênero particularizam os efeitos da pandemia do COVID-19 para as mulheres no Brasil. **Revista do CEAM**, 2020. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/revistadoceam/article/view/31883>. Acesso em: 25 out. 2022.

CÉSAR, R. C. B.; LOURES, A. F.; ANDRADE, B. B. S. A romantização da maternidade e a culpabilização da mulher. **Revista Mosaico**, v. 10, n. 2, 2019. Disponível em: <http://editora.universidadedevassouras.edu.br/index.php/RM/article/view/1956>. Acesso em: 13 mai. 2023.

CORDEIRO, M. P.; SVARTMAN, B.; SOUZA, L. V. **Psicologia na Assistência Social: Um campo de saberes e práticas**. São Paulo, 2018.

COSTA, D. C. N. A intersectorialidade na Política de Assistência Social: Uma análise sobre a relação do PAIF com as demais políticas públicas no CRAS/Fercal. **Biblioteca Digital da Produção Intelectual Discente**, 2014. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/11630>. Acesso em: 20 mai. 2023.

DIAS, M. J. Feminilização e (Des)valorização do Trabalho das Mulheres: Papéis de Gênero e Neoliberalismo. **Cadernos de Relações Internacionais**, 2018 Vol. 2. Disponível em: https://www.academia.edu/49089854/Feminilização_e_Des_Valorização_Do_Trabalho_Das_Mulheres_Papeis_De_Gênero_e_Neoliberalismo. Acesso em: 09 set. 2022.

FERNANDES, P. S. **Família monoparental feminina: desafios de ser mãe solo**. Repositório Institucional UNESP, 2022. Disponível em: <https://repositorio.unesp.br/handle/11449/234377>. Acesso em: 22 mai. 2023.

GUIMARÃES, G. T. D.; MACIEL, A. L. S.; GERSHENSON, B. **NEOLIBERALISMO E DESIGUALDADE SOCIAL: REFLEXÕES A PARTIR DO SERVIÇO SOCIAL**. Porto Alegre, 2020.

HOOKS, B. **o feminismo é para todo mundo**. Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 2018.

LACERDA, F. **A Psicologia Social e os atuais desafios éticos-políticos no Brasil**. Porto Alegre: ABRAPSO, 2015.

LOPES, D. L. A.; MAHEIRIE, K.; JUSTO, A. M. **Encontro de Mulheres no CRAS: Uma Experiência na Construção Grupal**. Polis e Psique, 2020. Disponível em: <https://www.seer.ufrgs.br/PolisePsique/article/view/98580>. Acesso em: 22 mai. 2023.

MACEDO, J. P.; DIMENSTEIN, M. O trabalho dos psicólogos nas políticas sociais no Brasil. **Psicologia latinoamericana**, Piauí, 2012.

MACÊDO, S. Ser mulher trabalhadora e mãe no contexto da pandemia COVID-19: tecendo sentidos. **Periódicos Eletrônicos em Psicologia**, 2020. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-25912020000200012. Acesso em: 25 mai. 2023.

MACIEL, L. B. A representação da mulher por meio da sororidade e rivalidade construídas na produção seriada Big Little Lies. Biblioteca Digital de Trabalhos de Conclusão de Curso, 2019. Disponível em: <https://monografias.ufop.br/handle/35400000/2067>. Acesso em: 29 mai. 2023.

MAEDA, P. **SORORIDADE EM PAUTA**. Editora Letramento, 2019.

MATOS, D. **O Impacto do Desemprego e a Saúde Psicossocial**. Psicologia.pt a: 2018-01-21. Disponível em: https://www.psicologia.pt/artigos/ver_artigo.php?o-impacto-do-desemprego-e-a-saude-psicossocial&codigo=A1165. Acesso em: 19 set. 2022.

MELO, H. P.; MORANDI, L. **A divisão sexual do trabalho no contexto da pandemia**. Trabalho Necessário, v. 19, n. 38, p. 105-125, jan./abr. 2021. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/trabalhonecessario/article/view/45884/28409>. Acesso em: 02 nov. 2022.

NEPOMUCENO, P. P. **Pobreza e Saúde Mental: Uma análise psicossocial a partir da perspectiva dos usuários do Centro de Atenção Psicossocial (CAPS)**. Centro de Humanidades, 2013. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6859>. Acesso em: 16 mai. 2023.

OLIVEIRA, L. C. F.; PEREIRA, L. R. S.; ROLIM, J. M. P. A Eficácia do Dispositivo Materno: possíveis influências da romantização da maternidade da saúde mental de mães-solo na cidade de arcoverde-pe. **Recima21 - Revista Científica**, 2021.

PENKALA, A. **A mulher é o novo preto: pensando identidades a partir das representações arquetípicas de gênero na série Orange is the new black**. Trabalho apresentado IV SIGAM – Simpósio Internacional Gênero, Arte e Memória, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/index.php/paralelo/article/view/10216>. Acesso em: 29 mai. 2023.

PEREIRA, C. P. **Proteção Social no Capitalismo: Contribuições à crítica de matrizes teóricas e ideológicas conflitantes**. Tese de Doutorado, Programa de Pós-Graduação em Política Social, Universidade de Brasília, 2013.

PRADO, E. **Ciência da Economia: demarcações**. Curitiba: CRV, 2018

QUEIROZ, C. C. **UM OLHAR SOBRE OS BENEFÍCIOS EVENTUAIS DA ASSISTÊNCIA SOCIAL**. Repositório Institucional, 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/180112>. Acesso em: 22 mai. 2023.

QUINTANS, M. T. D.; SILVA, R. L. G.; SOBRINHO, T. C. Despejos e luta pelo direito à moradia na pademia: resistências femininas na experiência da Ocupação Novo Horizonte. **Revista Direito e Práxis**, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/bnJnnRR8ZFfktSfSFSwF6jv/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 29 mai. 2023.

SANTOS, C. L. S. **Filha/o da Mãe: O Sofrimento Ético-Político de Mães-Solo na Perspectiva Interseccional**. Biblioteca Digital de Monografias, 2022. Disponível em: <https://rosario.ufma.br/jspui/handle/123456789/5382>. Acesso em: 17 nov. 2022.

SAWAIA, B. **As artimanhas da exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social**. Editora Vozes Limitadas, 2017.

SENRA, C. M. G., GOZZO, R. S. L. Assistência Social e Psicologia: sobre as tensões e conflitos do psicólogo no cotidiano do serviço público. **Psicologia e Sociedade**, 2012.

SILVA, C. G.; CASSIANO, K. K.; CORDEIRO, D. F. Mãe solo, feminismo e instagram: análise descritiva utilizando mineração de dados. **Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação**, 2019. Disponível em: https://www.google.com/url?sa=t&source=web&rct=j&url=https://www.portalintercom.org.br/anais/centrooeste2019/resumos/R66-0561-1.pdf&ved=2ahUKEwii1-fWoZb_AhUkt5UCHX38A9kQFnoECAoQAQ&usg=AOvVaw3_pyKwa8P6YVThAlP0B2G1. Acesso em: 27 mai. 2023.

SILVA, I. C. S. Sororidade e rivalidade feminina nos filmes de princesa da dsney. **BIBLIOTECA DIGITAL DA PRODUÇÃO INTELECTUAL DISCENTE**, 2017. Disponível em: <https://bdm.unb.br/handle/10483/16599>. Acesso em: 29 mai.2023.

SILVA, L.G. G. **A atuação do psicólogo no CRAS e o enfrentamento da situação de vulnerabilidade social**. Biblioteca digital, 2014. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/47/47134/tde-20102014-115827/pt-br.php>. Acesso em: 12. mai. 2023.

SILVA, M. S. L. **Um olhar para além da beleza da maternidade: Burnout materno – exaustão e sobrecarga de mães**. Biblioteca Digital de Teses e Dissertação, 2021. Disponível em: <http://dspace.sti.ufcg.edu.br:8080/jspui/handle/riufcg/21342>. Acesso em: 19 mai. 2023.

SILVA, T. J. A.; PACHECO, T. O. As Consequências Psicossociais do Desemprego. **Revista Ciência Amazônica**, 2017 Disponível em: <https://posgrad.ubra.br/periodicos/index.php/amazonida/article/view/2997/2554>. Acesso em: 13 set. 2022.

SILVA, T.A. A Crise Estrutural do Desemprego e a Reforma Trabalhista Neoliberal do Brasil. **Revista Scientia**, 2020. Disponível em: <https://itacarezinho.uneb.br/index.php/scientia/article/view/8598>. Acesso em: 10 nov. 2022.

SOLON, *et al.* SAÚDE MENTAL E ASSISTÊNCIA SOCIAL: OS DESAFIOS DA PSICOLOGIA NO CRAS. **Congresso Nacional de Psicologia**, 2019. Disponível em: <https://repositorio.ufc.br/handle/riufc/6859>. Acesso em: 16 mai. 2023.

SCHILD, V. **Feminism and Neoliberalism in Latin America**. In: *New Left Review*, v. 96, nov-dez, 2015.

WITTCKIND, E. V.; LUTKEMEYER, C. L.; SCHUMACHER J. T. REFLEXOS DA PANDEMIA DO VÍRUS DA COVID-19 NAS VIDAS DAS MÃES TRABALHADORAS NO BRASIL E O SORORIZAR NO MATERTAR. **Coragem – Criatividade – Esperança**, 2021. Disponível em: <https://revistas.est.edu.br/anais/index.php/genero/article/view/40>. Acesso em: 26. mai. 2023.